



ORDO FRATRUM
MINORUM

1226 — 2026

Franciscus

Oitocentos anos desde a morte de São Francisco

INTERCEDER: ESTAR DIANTE DE DEUS EM PROL DOS SERES HUMANOS

Carta do Ministro geral
às Irmãs da Ordem
da Imaculada Conceição
na Solenidade de
Santa Beatriz da Silva 2026

S. Maria dos Anjos, 6 de agosto de 2026
Solenidade da Transfiguração do Senhor

Queridas Irmãs, amadas no Senhor,

o Senhor vos dê a paz!

Dirijo-me mais uma vez a vós por ocasião da solenidade da vossa Santa Madre, num ano que entrelaça celebrações singulares: os 800 anos do bem-aventurado Trânsito de nosso Pai São Francisco, os 100 anos da beatificação (1926) e os 50 anos da canonização (3 de outubro de 1976) de Santa Beatriz da Silva Meneses. Não é coincidência que este último jubileu tenha sido celebrado no próprio dia do Trânsito: é como se a Providência tivesse querido selar o vínculo entre a passagem pascal do Pai e o reconhecimento da santidade da vossa Madre. Nesta coincidência podemos ler um convite para contemplar juntamente Francisco e Beatriz, buscando nesse encontro deles uma luz para a vossa vida hoje.

Sabemos pouco sobre o rosto de Santa Beatriz — os dados biográficos permanecem escassos — mas esse resplandece por mais de 500 anos na vida que vós fielmente viveis na Europa e nas Américas. Como escreveu seu primeiro biógrafo, «foi-lhe acrescentada a graça de uma particular devoção à Conceção sem mácula da Rainha do Céu, de quem, como sabia algo, era intimamente devota». Esta devoção é a fonte da vida contemplativa que dela tomou forma, e que Beatriz parece ter querido escrever não num livro, mas em vós, irmãs: na vossa vocação e na vossa resposta de amor ao Senhor.

Contemplo, então, São Francisco na hora de seu Trânsito. Ele quer ser colocado nu sobre a terra nua, para seguir seu pobre e crucificado Senhor até o fim. Mas não sozinho: sempre entre seus irmãos. Nos seus últimos dias insiste em ser levado do palácio episcopal para a Porciúncula, porque não quer morrer separado deles. E também se encontra ao seu lado Frei Jacoba, a nobre romana que estreitara com ele um singular vínculo humano e espiritual.

Francisco não se isola na hora suprema — como nunca o fez. Desde o abraço dos leprosos, que lhe abriram o olhar para o rosto do Crucifixo de São Damião, até este último abraço da “irmã morte”, sua vida foi um movimento em direção aos outros, nunca longe deles. Em seu Trânsito, ele traz consigo os irmãos, as mulheres e os homens, toda a criação.



Encontro nesta cena do Trânsito uma dimensão que ilumina profundamente a vossa vida contemplativa: aquela da intercessão. Francisco, que não quer morrer separado dos outros, que leva consigo o mundo inteiro na sua passagem ao Pai, já é uma figura do intercessor. Permiti-me aprofundar este aspecto.

A Escritura oferece-nos uma imagem potente de intercessão na narrativa do Êxodo. Enquanto Moisés recebe as tábuas da Lei no monte, o povo na planície constrói para si um bezerro de ouro. Deus revela-lhe a traição e propõe-lhe recomeçar deste o início: «Deixa que minha cólera se inflame e os consuma. Mas de ti farei uma grande nação» (Êx 32,10). Moisés poderia se salvar, separar-se do povo infiel, tornar-se ele mesmo o fundador de um novo começo. Mas Moisés recusa. Apela à fidelidade de Deus e, em seguida, vai mais longe: «Mas agora perdoa-lhes o pecado; senão, risca-me do livro que escreveste» (cf. Êx 32,32). Moisés não se exime. Ele vincula seu próprio destino ao do povo pecador, mesmo a custo de compartilhar as consequências.

Aqui está a figura do intercessor, que não é aquele que, de um espaço separado de suposta pureza e maior proximidade com Deus, se digna rezar pelos outros. Ao contrário, é aquele que se coloca diante de Deus, permanecendo totalmente com os seres humanos, até assumir as consequências da distância de Deus que os marca.

É o oposto do fariseu da parábola de Lucas (cf. Lc 18, 9-14), que apresenta a sua própria “justiça” a Deus como aquilo que o distingue — na verdade, o separa — dos outros. Como se fosse possível realizar a justiça de Deus sozinho, excluindo os outros, sem viver em um amor solidário com muitos. Mas esta união está inscrita na própria criação, na geração eterna do Filho pelo Pai, no sopro do Espírito. É o estatuto do amor, que não sabe fazer outra coisa além de doar-se até o fim.

Que grande inspiração para as vossas vidas de mulheres que buscam com todo o coração o rosto do Senhor e não se esquecem das suas criaturas. Sabeis bem que Ele as ama obstinadamente e nunca desiste desta paixão de amor.

Não é esta a lógica do *Magnificat*? Maria louva a Deus e, ao mesmo tempo, proclama a reviravolta do destino dos pobres e dos humildes: o seu cântico une no mesmo sopro o céu e a terra. E não é isso que nos narra o sinal das bodas de Caná, onde Maria se coloca entre os cônjuges necessitados e o seu Filho, o Esposo da humanidade? Maria intercede: ela vê a falta, leva-a diante de Deus e permanece ao lado dos necessitados.



Maria se volta para Deus e nunca esquece os seres humanos, suas criaturas, seus irmãos e irmãs, a humilde Filha de Sião. Em Maria, a intercessão atinge sua forma mais pura: totalmente com Deus, totalmente ao lado dos humanos.

Assim foi para Beatriz da Silva, que era cidadã do céu enquanto cidadã da terra — como São Paulo VI disse com força no dia de sua canonização, há cinquenta anos. Beatriz não procurava uma fuga do mundo, mas uma forma de vida que permitisse a alguém estar diante de Deus, levando o mundo consigo, como Moisés, como Francisco. Ela respondeu ao chamado de intercessão porque não se afastou da comunhão de amor com a humanidade, desejando que o desígnio do Pai se cumprisse para todos.

Esse chamado continua em vós, irmãs. O próprio Paulo VI disse-o magnificamente em sua homilia da canonização, citando o capítulo X da vossa Regra: «Considerem cuidadosamente as Irmãs que acima de tudo devem desejar ter o Espírito do Senhor e a sua santa operação, com pureza de coração e devota oração». E acrescentou: «Para o homem moderno, preso no vórtice das impressões sensíveis, a presença destas almas silenciosas e vigilantes, estendendo-se ao mundo das realidades invisíveis, não representa um apelo providencial para não perder uma dimensão essencial da sua natureza?».

Cinquenta anos depois, essas palavras são ainda mais verdadeiras. O mundo de hoje precisa mais do que nunca de mulheres e homens que intercedam — não que se apartem, nem julguem do alto, mas que estejam diante de Deus carregando consigo as feridas, as guerras, as injustiças, o clamor dos pobres e da terra. Olhando para Maria, que «com amor materno, cuida dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra» (*Lumen Gentium*, 62), vós sois chamadas a interceder por este mundo sombrio que pede paz e justiça — sabendo que estas são impossíveis fora da lógica do amor com o qual Deus criou o mundo, continua a sustentá-lo e o conduz, mesmo através de suas contradições, à plenitude da vida.

Continuai intercedendo por esta humanidade, caríssimas irmãs. Santa Beatriz da Silva convida-vos hoje a olhar para Maria Imaculada, a seguir o seu exemplo, a invocar a sua proteção — para que a Mãe de Jesus «brilhe como sinal de esperança segura e de consolação, para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor» (*Lumen Gentium*, 68).



Carrego-vos no meu coração e na oração, e peço-vos que também carreguem a mim e a todos os irmãos e irmãs da Ordem em vossa oração de louvor e de intercessão. Neste ano do Trânsito, caminhemos juntos com Francisco rumo ao Pai, levando conosco o mundo que Ele nos confiou e que invoca fortemente o dom da justiça e da paz.

Com a bênção do Seráfico Pai São Francisco e na alegria da vossa Santa Madre Beatriz, saúdo-vos com fraterno afeto.

Vosso irmão e servo,



Fr. Massimo Fusarelli OFM

Fr. Massimo Fusarelli, OFM
Ministro geral

Prot. 115136/MG-037-2026



ORDO FRATRUM
MINORUM

Curia Generalis
Via di S. Maria Mediatrix, 25
00165 Roma, Italia
www.ofm.org